

# Editorial

---

De início era uma experiência. Experiência resultante da longa busca em que foram envolvidos esforços de entidades e de muitas pessoas. Como enfrentar o desafio do problema do câncer, face às modificações da estrutura assistencial do país? A co-gestão foi iniciada no Instituto Nacional de Câncer numa conjuntura particularmente crítica, quando a própria viabilidade da instituição podia ser posta em dúvida. Sem o nome de "co-gestão", já havia o experimento anterior dos programas de educação médica, produto da junção de esforços da Sociedade Brasileira de Cancerologia, do Ministério da Saúde e do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social. Digase, aliás, ter se tratado de experimento que se revestiu de êxito pleno. Agora, a co-gestão dá um passo a mais, e de grande importância, que é

o ressurgimento da Revista Brasileira de Cancerologia, o tradicional órgão da Cancerologia Brasileira, que prestou serviços de tão grande valia no passado e que, há pouco, definhava por dificuldades aparentemente invencíveis. O renascimento do INCa e a co-gestão estão tendo o seu desdobramento, o desdobramento das perspectivas para o futuro. Com o n.º 1 do vol. 29, de Setembro de 1982, de novo aparece a Revista Brasileira de Cancerologia como uma fina publicação, graficamente bem elaborada e bonita, contendo material de relevância. A Revista volta, rejuvenescida, ao papel de grande incentivadora dos estudos clínicos, das pesquisas básicas: volta a ser o coletador dos anseios da comunidade oncológica do país, o seu divulgador.

Contudo, é preciso alertar para o fato de que, sem uma ação de âmbito nacional, na-

da de eficaz e permanente se conseguirá. São as entidades de assistência ao canceroso e de combate ao câncer que fazem o grande volume da atividade no gênero. Sem essas entidades, por maior que seja o esforço dos órgãos do Governo, o problema do câncer permanecerá marginalizado. O próprio INCa., agora ressurgido, só terá êxito no seu trabalho normalizador se tiver diante de si a rede hospitalar-assistencial das entidades de combate ao câncer. A Sociedade Brasileira de Cancerologia, como fruto dessas entidades, as quais representa, e pelas quais tem a sua razão de ser vem, mais uma vez, insistir nesse ponto que é fundamental para que a política de câncer no país atinja o êxito esperado nos seus objetivos.

JAIME DE QUEIROZ LIMA  
Presidente da Sociedade  
Brasileira de Cancerologia